



Biograph



A ENTREVISTA NARRATIVA A CAMINHAR COM A HISTÓRIA DE VIDA

Carla Melissa Barbosa – UFRGS- carlamelissam@yahoo.com.br

Maria Clara Bueno Fischer – UFRGS- mariaclara180211@gmail.com

Introdução

Neste trabalho apresentamos algumas considerações sobre a utilização da entrevista narrativa em pesquisa realizada com costureiras e sua contribuição para reconstrução das histórias de vida e trabalho destas profissionais. É parte de uma pesquisa¹ que procurou investigar a trajetória profissional de costureiras autônomas das classes populares com o objetivo de compreender como se deu o processo de se tornarem costureiras e identificar saberes do trabalho, produzidos e mobilizados na atividade de trabalho.

A experiência teve conotação de pesquisa formação (JOSSO, 2004), no sentido de que é considerado um processo formador para a própria pessoa e para as pesquisadoras. O pressuposto é que ao recuperar as trajetórias profissionais, seja possível visibilizar e refletir sobre escolhas, saberes e valores presentes nas histórias de vida.

Dos valores às opções teórico-metodológicas

Reconhecendo que a investigação não é neutra, o percurso teórico- metodológico buscou visibilizar e legitimar a produção de conhecimento na atividade de trabalho. Nesta perspectiva, adotamos a entrevista qualitativa com foco na narrativa, como uma forma de lembrar, ordenar e refletir sobre a experiência vivida.

¹ Para esta análise serão utilizadas entrevistas realizadas para a dissertação de mestrado intitulada “Histórias de vida e costura: os saberes e sabores da mulher artífice” (BARBOSA, 2015).

A narrativa não é a experiência em si; ela é atravessada pelas crenças de quem narra e o significado é construído na interação, “tem um caráter reflexivo” (SZYMANSKI, 2002, p.14). Considera-se que na entrevista, todos estão em processo de construção de conhecimento, a partir também de suas singularidades, sendo que: “Com respeito a isso, tanto o(s) entrevistado(s) como o entrevistador estão, de maneiras diferentes, envolvidos na produção de conhecimento (GASKELL, 2002, p. 73) ”.

Segundo Gaskell (2002, p.82), na entrevista individual em profundidade, o entrevistador deve estar atento e demonstrar interesse; às vezes, é necessário um tempo para o entrevistado se descontrair; à medida que a entrevista avança, ter os tópicos-guia em mente. Destacamos a trajetória profissional, os saberes e a dimensão criadora do trabalho.

A entrevista narrativa autobiográfica, conforme Schütze (2010, p.212), compreende três momentos: 1) O entrevistado fala, de forma improvisada, livre e contínua, sobre a questão norteadora; 2) O pesquisador coloca questões que retomam tópicos que podem ser melhor aprofundados; 3) Conforme os interesses prévios da pesquisa e os inéditos que surgiram durante a entrevista, é explorada a capacidade de explicação, de abstração e reflexão do informante como especialista e teórico de seu “eu”.

A ausência de uma pergunta objetiva e direta torna a fala da entrevistada mais autônoma da ordenação do raciocínio da entrevistadora, podendo dar mais vazão à narrativa. É a perspectiva da entrevistada que interessa. Segundo Eggert e Silva (2012), as falas das mulheres carregam consigo, elementos que foram e muitas vezes são deixados à parte dos estudos, como sendo menos importantes. Dessa forma é importante estar atento às narrativas que são carregadas de emoções, contradições, conflitos e vivências diversas, as quais devem ser consideradas.

As entrevistas e seus meandros

As entrevistas foram realizadas na residência de cada costureira. O início de conversa e seu desenrolar, foi permeado pelos temas: família, escola, saúde, casamento, desigualdade. Foi preciso estabelecer uma relação de “empatia, com ênfase na confiança” (BODGAN; BIKLEN, 1994, p.74). Bem como no relato de Ivone Gerbara (2000), ficamos sensibilizadas

[...] com a disponibilidade e com a satisfação que sentiam ao contar suas histórias. Às vezes, tinha a impressão de que até gostariam de continuar a

contar a vida em outra ocasião. Contar a vida e sobretudo ser atentamente ouvida parecia lhes fazer muito bem. (GERBARA, 2000, p.24)

Neste sentido, foi impossível não ter emoções diversas ao ouvir as narrativas, carregadas de experiências que envolvem família, classe, gênero, religião, violência doméstica, perdas, etc. Combinamos que elas poderiam falar sobre tudo o que considerassem pertinente, sendo a escuta fator importante para que a narrativa fluísse. Conforme Bogdan e Biklen (1994, p. 137): “O que se revela mais importante é a necessidade de ouvir cuidadosamente. [...] Encare cada palavra como se ela fosse potencialmente desvendar o mistério que é o modo de cada sujeito olhar para o mundo.”

As trabalhadoras foram convidadas a falar sobre sua história de trabalho através da pergunta: “como você se tornou costureira?”. No momento seguinte, foram questionadas sobre pontos significativos da trajetória profissional, sobre os saberes e fazeres do ofício e sobre a relação que elas estabeleciam com o resultado do seu trabalho.

As entrevistas retornaram às costureiras para uma leitura no formato de cadernos, com o objetivo de gerar um processo reflexivo inspirado em Szymanski (2002).

As costureiras

Açucena, Orquídea, Rosa e Tulipa possuem um longo tempo de trabalho na costura, a maior parte dele exercido no espaço doméstico. Começaram a trabalhar muito cedo e durante toda a vida, tiveram muito trabalho sendo que nem conseguiam “dar conta”. Não possuem diploma: “aprendi na marra”², “aprendi sozinha”. O aprendizado se deu com outras mulheres e na atividade de trabalho, no aprender fazendo. Como trabalhavam muito, boa parte da renda familiar advinha deste trabalho.

São proprietárias dos meios de produção, sendo que o principal é a máquina de costura. Suas vidas são marcadas pelo trabalho doméstico, pelo cuidado dos filhos e da família. Escolheram trabalhar por conta própria para ter a liberdade de gerenciar o seu tempo de trabalho e conciliar o cuidado dos filhos. Identificam que, além de ter certa liberdade com relação à dimensão criativa do trabalho, tiveram melhores rendimentos trabalhando em casa do que teriam na indústria.

² A expressão “eu aprendi na marra”, “ela aprendeu na marra”, “foi na marra mesmo” apareceu, de uma ou de outra forma, em todas as entrevistas. Significa aprender na prática, sozinha, através da experiência.

Apesar das narrativas serem repletas de aprendizados complexos, de criatividade e de criação, são histórias de vida que carregam consigo muito trabalho - de forma a garantir melhores condições de vida - opressão, distanciamento do direito à educação e dos direitos da classe trabalhadora. Embora as trajetórias profissionais tenham muito em comum, o enredo de cada narrativa é singular. Neste sentido, será apresentada, brevemente, a singularidade da narrativa de cada uma delas³.

Açucena: “Eu trabalhei muito e ele não deu valor”⁴

A narrativa de Açucena seguiu em um ritmo lento, ela falava baixinho. No desenrolar da conversa, ela contou que em 2004, aos 59 anos teve um AVC⁵ e foi quando parou de costurar para fora. Ela costurava, oficialmente, desde a adolescência. Com 14 anos, a avó encaminhou ela para aprender na casa de uma costureira. Foi na primeira semana e percebeu que já sabia costurar sendo que logo começou a “costurar para fora”. Ela e o irmão foram criados pela avó e “Desde pequenininha, ficava sempre do lado da máquina da avó”.

Depois de casar, trabalhou por três anos numa empresa, mas percebeu que ganhava mais costurando e passou a trabalhar em casa. Muitas vezes, dormia em cima da máquina. E afirmou: “Minha vida foi muito sofrida”.

O marido era muito exigente com relação à limpeza da casa e ela tinha que se organizar e se desdobrar para conciliar a costura com o trabalho da casa. No início, ele era soldado raso. Depois, começou a trabalhar no palácio e a receber dois cheques - “E quando ele começou a ganhar bem, ele foi embora. Ele tinha mulher lá. ” A partir deste momento, ela teve que trabalhar ainda mais para criar seu filho.

A narrativa de Açucena é permeada pelo excesso de trabalho, pelos cuidados com a família de origem, avó e irmão, e pela relação dura e de descaso do esposo para com ela, o qual, segundo ela, não valorizou tudo o que ela fazia para ele como esposa e o quanto ela trabalhava.

³ Os nomes são fictícios e os títulos são oriundos da própria fala das trabalhadoras

⁴ Trecho da fala de Açucena.

⁵ Acidente vascular cerebral.

Orquídea: “Eu queria mesmo era ter estudado”⁶

Muito curiosa, Orquídea aprendeu a costurar e bordar na infância, observando a tia: “achava que aquilo era uma grande coisa, eu ficava olhando com os olhos que era um pila⁷”. Aos nove anos, desmanchava e refazia suas roupas em busca de uma estética melhor. “Comecei a cortar e fazer roupa. E daqui a pouquinho a vizinhança toda começou a pedir. Eu não era mais criança, já tinha uns 11 para 12 anos. ” Pela manhã, fazia as tarefas da casa e à tarde costurava. Nos últimos vinte anos de atividade, o seu espaço de trabalho foi o seu mundo. Só parou aos 55 anos quando adoeceu e, contra a vontade, não pôde mais voltar a trabalhar.

Frequentou a escola até a quinta série. Isso porque a professora foi até sua casa e insistiu com a mãe que ela voltasse para a sala de aula. O pai e a avó incentivavam o estudo, mas a mãe tinha um pensamento “machista”, dizia que mulher tinha que cuidar da casa e ser correta.

Os “*laços de parentesco*” (JOSSO, 2006), em especial com a mãe, são marcantes na narrativa de Orquídea. “Como eu não pude estudar, só tinha uma opção que era costurar”. A relação dela com a escola e o desejo de ter estudado são marcas muito fortes, sendo que a interrupção dos estudos ainda na infância é um *nó* na vida de Orquídea. Ela queria muito estudar e ser professora. Na vida adulta poderia ter retornado aos estudos mas relatou: “Fui burra, mas eu precisava trabalhar, para ganhar dinheiro! Na época eu fazia aquele monte de costura, não podia parar um minuto. ”

Ao relatar isto, tem-se um processo de responsabilização individual -“eu fui burra” - que logo em seguida, é visto de outra forma quando ela procura explicar para si e para o outro os motivos que a levaram a realizar tal escolha. Mesmo assim, aos 50 anos retornou à escola e concluiu o Ensino Fundamental, sonho antigo, na modalidade EJA.

Apesar dos condicionantes na infância, já que suas escolhas dependiam dos planos que a mãe tinha para ela, percebe-se um protagonismo nas escolhas feitas na vida adulta. Estas em grande parte relacionadas à questão econômica, mas vinculadas a um projeto de vida que envolvia ter melhores condições de moradia e educação para a filha.

⁶ A composição do título: “Eu queria mesmo era ter estudado”, é um trecho significativo da narrativa de Orquídea quando ela rememora seus desejos e o projeto de vida que almejava.

⁷ A expressão “olhos que era um pila” foi por ela utilizada para dizer que ficava com os olhos atentos, curiosos, arregalados, observando.

Rosa: “E eu amei aquilo. Era o que eu mais queria na vida”

Rosa começou a querer ser costureira na infância. Costurava roupas para as bonecas. Na escola fazia “bordadinhos e eu adorava! ”. Aprendeu a costurar com uma professora que o pai arranhou. Depois foi aprendendo na prática – “Eu fiquei adquirindo experiência aqui e ali”.

Após engravidar decidiu que não iria trabalhar fora, para poder cuidar dos filhos. Desde então, começou a costurar e não parou mais. Morou “muito mal” e sofreu muito quando criou coragem e se separou. O marido e a família dele, não aceitaram e começaram a oprimi-la. Ela teve que assumir as despesas da casa e o sustento dos filhos. Até a máquina de lavar roupas lhe tiraram – “minha sogra dizia que eu ia até passar fome”.

Nos últimos dez anos, ela diminuiu o ritmo de trabalho. Percebeu, através da narrativa que isso mudou quando tragicamente perdeu seu filho mais velho, na época com 37 anos. Segundo ela, “Foi muito difícil essa fase. Foi complicado ((pausa)) ”. Neste processo de reflexão, revelou-se um momento charneira (JOSSO, 2004). Aquela lembrança parecia estar sendo ressignificada a partir do momento em que ela buscava explicação de porquê passou a trabalhar menos. O sogro morreu no ano de 2000, a sogra um pouco antes, em 2005 ela perdeu o filho e em 2006 o ex-marido, sendo que ela ajudou a cuidar de todos. “Nós estávamos separados, mas eles ficavam doentes e eu tinha que cuidar”. Essa parte da narrativa foi um momento de emoção, mas também de reflexão sobre as dificuldades e o sofrimento que ela havia vivenciado.

A narrativa de Rosa é norteadada pelo gosto que ela tem pelo ofício da costura e a relação de opressão constante que viveu com seu esposo e com a família dele. O gosto pelo trabalho é exemplificado por expressões como: “era tudo o que eu mais queria”; “eu amei”; “eu me realizava”; “era tudo bem bonitinho”; “ficava lindo, maravilhoso”. O trabalho excessivo, o entusiasmo com as feituas e a crença em Deus de que a vida poderia ser melhor, era sua forma de lidar com a opressão. “Deus olhou para mim e só ele que sabia da minha vida. ” Foi no trabalho e na satisfação com o mesmo que ela encontrou forças para seguir adiante, pois

[...]Sair das situações difíceis “movendo-se” é quase uma prova de coragem e de confiança em Deus. É o comportamento mais elementar para afirmar que estamos vivos e que “temos sangue nas veias” como costumam dizer. (GERBARA, 2000, p.43)

O “amar o que faz” é peça chave na sua narrativa, sendo que, para ela, a sua existência se fez possível através da relação estabelecida com o trabalho e o produto final: de entusiasmo, de gosto pelo belo, de satisfação e de realização.

Tulipa: “A gente tinha aquele sonho de ter a casa própria”⁸

Tulipa aprendeu a bordar com a irmã mais velha, que era bordadeira de profissão. O trabalho feito com esmero, era reconhecido e, dessa forma, tinham muitas encomendas. Quando terminavam um trabalho e olhavam o resultado “parecia um sonho aquilo, mas nós que fazíamos”.

Quando o trabalho com bordados diminuiu, a irmã foi trabalhar num atelier de costura e levou Tulipa que, por sua vez, foi aprendendo a costurar. Trabalhou desde a adolescência, pois precisava e queria, junto com as irmãs, ajudar os pais - “E a gente trabalhava, era uma necessidade e o que a gente mais queria era o sonho de ter a casa própria para os pais”.

Quando casou, ficou uns seis meses em casa, mas a irmã logo veio buscá-la para trabalhar numa malharia mesmo a contragosto do marido. Após ter as seis meninas decidiu parar de trabalhar fora e ficar trabalhando em casa. “Aí sim, eu aterrissei dentro de casa e continuei costurando”.

Os laços familiares foram e são muito presentes e marcantes na vida de Tulipa, aparecendo tanto na relação com a família de origem, pai, mãe, irmãos, como na família que formou com esposo, filhas, genros e netos. A família está sempre muito presente na narrativa. Neste caso,

Os laços de parentesco são, indubitavelmente, os mais evocados nos relatos, quer sejam laços herdados por nascimento, quer sejam laços de aliança. Alguns estruturam a trama da narração, outros desaparecem ao longo do relato sem que isso signifique uma ruptura [...] (JOSSO, 2006, p.376)

⁸ Fala da Tulipa: trabalhar para realizar o sonho de ter a casa própria.

Nessa relação afetiva que se estabelece na família, como parte indissociável da sua história de vida, os sonhos e desejos que aparecem na narrativa, são coletivos: “o que a gente mais queria”, “a gente tinha aquele sonho”, “a gente fazia tudo para eles”, “o que a gente mais gostava era ver eles felizes”. O único sonho individual relatado, muito timidamente e com um pouco de rubor, era o que ela tinha de ser cantora, porém nunca falou para ninguém. Os sonhos de Tulipa, na adolescência, eram para os pais e na vida adulta para as filhas, netos e netas. Conforme Gerbara (2000), as mulheres das classes populares têm uma dificuldade de sonhar para si sendo que

[...] Há uma espécie de coletividade nos sonhos, como se cada personalidade feminina tivesse uma individualidade plural ou coletiva. [...] pode-se dizer que os sonhos das mulheres pobres são na sua grande maioria sonhos em torno do mundo da família. É como se a vida dos filhos e filhas fosse o prolongamento de suas próprias vidas. (GERBARA, 2000, p. 77-78)

A narrativa da Tulipa tem como fio condutor a trajetória de trabalho marcada pela presença da irmã mais velha como uma espécie de mestre e o trabalho a serviço de um projeto de vida para ter a casa própria, seja para os pais ou para as filhas. O saber-fazer aparece no resultado do trabalho bem feito. O enredo é permeado pelas relações de afeto, em especial pelas relações de cuidado, de solidariedade e de proximidade com a família.

Considerações finais

Embora as entrevistas tenham sido pensadas e planejadas tendo como orientação a trajetória profissional, os saberes e os fazeres das costureiras, constituindo a narrativa em torno destas temáticas definidas a priori, na prática estas questões se mesclam com a história de vida das mulheres, indo muito além da proposta dos tópicos guia.

A opção metodológica pela entrevista narrativa, na construção de uma (auto)biografia temática, tem demonstrado uma indissociável ligação com os elementos das histórias de vida dessas mulheres incluindo questões de gênero, de classe e aspectos religiosos. Neste sentido, vale ressaltar a escolha pelo uso da expressão “histórias de vida”

Ao contar sua história de trabalho, elas contam para si sua história de vida, trazendo elementos diversos que possibilitam reconstruir e carregar de sentido as próprias escolhas

profissionais. Essa reconstrução contribuiu para a análise das narrativas e também para *desatar nós* e identificar momentos *charneira*, para as próprias costureiras. A necessidade de ordenar a narrativa gerou, em ambos os encontros, momentos de reflexão, de distanciamento e de ressignificação do que foi vivido. As fases da entrevista, na prática, se mesclaram entre narrativa, reflexão e inclusão de novas questões norteadoras.

A forma de olhar para o passado, em alguns momentos, foi ressignificada logo após a narrativa. Os *elos de ligação* (JOSSO, 2006) entre o passado e o presente foram parte do processo. As narrativas das histórias de vida destas costureiras representam, de certa forma, tramas que (re)constroem suas vidas.

Isso se torna possível a partir do momento que elas percebem escolhas e possibilidades, através do enredo que é singular, da leitura do material e do olhar reflexivo que se debruça sobre o conhecimento produzido, refletido e sistematizado.

Referências

BARBOSA, Carla Melissa. **“Histórias de vida e de costura: os saberes e sabores da mulher artífice”**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e de grupos. In: BAUER, M.W; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, p.64-89, 2002.

GERBARA, Ivone. **A mobilidade da senzala feminina: mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo**. São Paulo: Paulinas, 2000.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **As figuras de ligação nos relatos de formação:** ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n2 p. 373 – 383 maio/agosto de 2006.

SCHÜTZE, Fritz. **Pesquisa biográfica e entrevista narrativa.** In: PFAFF, Nicolle; WELLER, Wivian. (Orgs.). Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática. Vozes: Petrópolis, 2010. (p.210-222).

SZYMANSKI, Heloisa. **Entrevista reflexiva:** um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In: SZYMANSKI, Heloisa (org.). A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Plano Editora, 2002.